

Com a cabeça nas nuvens da crise dos Subprimes¹

Yann Moulier Boutang*

Resumo o texto apresenta a crise dos *subprimes* como a manifestação da impossibilidade de separação entre especulação e mercado da economia-mundo. A crise atual é apontada como sendo a primeira crise global do comunismo do capital e uma interdependência entre devedores e credores. A menos que se invente um novo New Deal, que refunde os antigos direitos do Estado-providência e crie novos direitos de novos trabalhadores, não se vê meio pelo qual um programa de eutanásia da renda evitará a explosão política.

Palavras-chave crise; capitalismo cognitivo; renda; economia mundial.

Head in the clouds of the sub-prime crisis

Abstract the paper presents the subprime crisis as a manifestation of the impossibility of separating speculation and market from the world economy. The current crisis is pointed out as being the first global crisis of communism of capital and also an interdependence between debtors and creditors. Unless a new New Deal is invented, which recasts the ancient rights of the welfare state and creates new rights for new workers, there is no means by which a program of euthanasia may avoid political explosion.

Keywords crisis; cognitive capitalism; rent; world economy.

Introdução

Num mundo caótico, no qual é grande a tentação de concentrar-se no próprio jardim, como Cândido, renunciando a "compreender coisa alguma", arrogância de que também padeciam Hegel ou Marx, nada mais revigorante para a inteligência do que acompanhar a trajetória da crise financeira em curso, analisada como um míssil de longo alcance.

Ainda não chegamos às plagas do fim da história nem à era pacificada da "administração das coisas" anunciada por Kojève e Fukuyama. Ainda há grandes desordens da economia sublunar.

¹ Texto originalmente publicado na revista *Multitudes* n° 34, 2008/4, p. 9-17. Disponível em: <http://www.cairn.info/load_pdf.php?ID_ARTICLE=MULT_034_0009>. Tradução de Caia Fittipaldi

* Professor da Universités en Sciences Économiques - Université de Technologie de Compiègne (UTC). Diretor Adjunto do Connaissance, organisation et systèmes techniques - Costech. Centre Pierre Guillaumat, BP 60 319, Rue du Docteur Schweitzer, 60 209. Compiègne Cedex, France Bureau K 223. Email: Yann.Moulier-Boutang@utc.fr

Como sempre, quando Janus exhibe sua dupla face, vicejam por aí reflexões sobre o final apocalíptico do capitalismo, ou comparações com a grande depressão dos anos 1930. Um sentimento difuso começa a aparecer também à esquerda, inclusive em círculos próximos do patronato: vê-se que o neoliberalismo está historicamente morto (mas, como pato decapitado, talvez ainda corra por alguns anos)². "Fim da globalização eufórica", "O capitalismo em vias de auto-destruir-se", "O pior está por vir"³, "Aí está a grande depressão" são alguns títulos de obras recentes. Por todos os lados ouvem-se as "vozes das Cassandras"⁴: "o capitalismo baterá com a cara na parede", se não se reformar radicalmente.

Nada contra as "vozes das Cassandras", mas não por culpa de Keynes. Qualquer economista, até o mais ortodoxo, dirá que a crise dos anos 30 passou pela dificuldade de "religar o motor" do crescimento econômico em um mundo no qual os preços, todos os preços, estavam em queda e o comércio internacional estava em plena retração. Muito mais importante e decisivo, em vez de invocar Keynes, é não esquecer sua mensagem essencial.

Ora, nada mais surpreendente do que ver e ouvir economistas que se pretendam de esquerda cantar loas ao tal "purge"⁵, do qual se espera que nos livre da especulação imobiliária ou de uma nova crise de 1929, para, finalmente, reconstruir um capitalismo sobre uma base de economia de produção purificada. Bem-vinda, crise! Agora, poderemos domar as finanças, pôr fim àqueles abusos escandalosos. Outros menos iludidos desconfiam desse moralismo recorrente que em geral ajuda a digerir os *booms* de crescimento e, sobretudo, ajuda a redescobrir as virtudes do Estado e da intervenção pública segundo aquele eterno sacrossanto princípio: privatizar lucros e socializar prejuízos. Outros ainda supõem que, ao matar por eutanásia os *players* das Bolsas do mundo, priorizando a indústria e o investimento, voltaremos à boa e bela "economia real de produção". Abaixo a financeirização!

Não nos parece que haja aí qualquer idéia aproveitável (sequer nova!), nem qualquer solução para o quebra-cabeça atual. Não se vê sequer qualquer sinal de prudência, se se considera a situação, do Paquistão à Geórgia, passando pelo Oriente Médio e Irã. A persistência e a disseminação da crise dos *subprimes* demonstram exatamente a impossibilidade, hoje, de separar a especulação ('força do mal') e o mercado globalizado, de um lado; e, de outro, a economia-mundo. Nem todas as rezas do mundo conseguirão separar as fés 'do bem' e as fés duvidosas. Tampouco conseguirão separar o joio da liderança monetária americana (seu dólar e seus dois déficits gigantescos) do bom trigo do crescimento. É preciso resgatar o soldado Ryan-crescimento, parece dizer o governo norte-americano.

Cabe aos europeus aceitar que os mestres do mundo, bem posicionados para ver a situação global, têm de ter razão, contra pequenas nações européias subalternas que continuam a engordar déficits de orçamento e dívidas internas cuja redução pode acabar por matar o doente. Os EUA anunciam um plano de apoio de 3 trilhões de dólares, sob forma de garantia federal aos créditos (mais de um terço do PIB anual dos EUA), e o primeiro-ministro francês, sempre inflado, fala em 45 bilhões. O governo francês, com a RSA⁶, tenta gambiarras. Mas, com crescimento inferior

2 Ver: Chavagneux, Christian. *Les Dernières Heures du libéralisme: mort d'une idéologie*. Paris: Perrin, 2007.

3 Ver, por exemplo, as obras de Patrick Artus e Marie-Paule Virard. Para uma resenha pouco sistemática de obras recentemente editadas sobre a crise dos *subprimes* na França, ver entrevista na *Revue internationale des livres et des idées*, setembro de 2008.

4 Do livro de J. M. Keynes, *A Treatise on Money* (1930).

5 Em inglês, no original: *purge*, saneamento, no sentido de purgar, limpar (como os intestinos), de veneno ou substância indesejada. A expressão tem sido freqüente em todos os jornais, pelo visto, de todo o planeta, aplicada à salvação de bancos falidos, nos casos em que o Estado os livre dos chamados "títulos podres".

6 *Revenu Solidarité Active* (RSA) [Renda Solidariedade Ativa], programa que Sarkozy apresentou em agosto/2008.

a 1% e déficit de mais de 3%, ele evidentemente teria de pensar (como toda a Europa) em medidas decididamente mais radicais. Ninguém se surpreenda se, na França, uma boa e bela explosão social cuidar de acordar, para isso, aquelas elites fatigadas.

A verdade nua e crua é que a crise atual dos *subprimes* é a primeira crise global do comunismo do capital (o capital da economia-mundo). A crise, hoje, testemunha a interdependência indestrinchável entre devedores e credores. É demonstração, ao mesmo tempo, do velho impasse: "eu o prendo pelo cavanhaque, você me prende pela barba" e de outro princípio bem mais paradoxal citado por Keynes: "se a dívida é pequena, é problema do devedor; mas se a dívida é enorme, é problema do credor".

Pode-se resumir a coisa numa imagem de bonecas russas, umas dentro das outras. A estabilidade política da China (dita "a sociedade da harmonia") e a inclusão de milhões de assalariados no mecanismo de acumulação são questões grandes demais para que se possa frear a locomotiva de Pequim ou para que se queira metê-la na bitola apertada de um crescimento sustentável para o planeta (para não falar dos direitos do animal humano, cuja plasticidade biológica acaba de ser consagrada em Jogos Olímpicos grandiosos). O gás russo é vital demais para a Europa, para que a Europa não seja engolida pela cobra-gigante georgiana dos autocratas russos. O padrão de vida dos lares norte-americanos (esqueçam os 12% marginalizados daquele paraíso, 37 milhões de muito pobres, em 302 milhões de habitantes) é alto demais para que o governo assine os acordos de Kioto. Como disse, sempre com muito tato, o já praticamente ex-presidente Bush: "não se discute. Os norte-americanos não renunciarão aos [automóveis] 4x4". O produto dessa *realpolitik* mede-se hoje pela quase-falência de três fábricas de carros, que pedem 70 bilhões de dólares de ajuda federal, contra os apenas 45 bilhões que lhes foram oferecidos. Com licença. São empresas grandes demais para falir, falência que deve muito também aos programas de aposentadoria dos empregados (na França, esse é problema da Securidade Social).

Outra boneca russa, a crise dos *subprimes* onde tudo começou: não se pode despejar, pôr na rua, deixar sem teto, em massa, na rua, 12 milhões de famílias, cerca de 60 milhões de norte-americanos. Segue-se daí, já há um ano e meio, uma divertida troca de agrados. Os bancos diluíram de tal modo os créditos podres, que eles mesmos venderam a credores privados tanto quanto a instituições públicas, que as dívidas já não são cobráveis. Os bancos, os estabelecimentos financeiros e seus respectivos fundos especulativos dizem, portanto, ao Banco Central, seja ele inglês ou norte-americano: somos peças grandes demais, na mesma engrenagem, para que nos deixem quebrar. Os bancos centrais dos grandes países estão-se afinando pelo mesmo diapasão. O FED, norte-americano, diz, há quinze anos, ao resto do mundo e especificamente à China, aos países exportadores de petróleo e a seus fundos soberanos: meus dois déficits (de meu comércio exterior e de minhas finanças públicas) são grandes demais para que vocês deixem os EUA falir. Se nós quebrarmos, o mundo quebra. E é a mais absoluta e completa verdade.

A política de Ben Bernanke, *scholar* especialista na crise de 1929 e sucessor de Alan Greenspan (o homem que sabia cochichar na orelha dos mercados), foi fazer de tudo para evitar a crise de liquidez, depois a quebra, dos dez maiores bancos norte-americanos. Além de lamentar os 150 milhões de desempregados e um holocausto nuclear, a qualquer momento, entre Paquistão, Índia e Irã, e com a China cutucando na retaguarda (com pequena bifurcação na direção da Rússia, cuja descolonização continua caótica, e ramificações quase automáticas no Oriente Médio, portanto na Europa), Bernanke não tem coisa alguma a acrescentar ou corrigir.

Não há qualquer razão intrínseca para que esse dispositivo que visa a evitar a pane de liquidez monetária e de crédito, tanto quanto visa a evitar falências no sistema financeiro, não consiga absorver seja lá como for a crise, e desvalorizar brutalmente os ativos financeiros (motivo pelo

qual a inflação foi "exuberante", como diria Mr. Greenspan). Nada impede, além do mais, que, nesse quadro, se faça finalmente a reforma do FMI – reforma que consistirá em voltar à solução que Keynes preconizou sem sucesso em 1944 em Bretton Woods. Emitir, na forma de direitos especiais de saque, uma quantidade colossal de moeda internacional, garantida, por um lado, pelo crescimento industrial dos países do sul; por outro, garantida pelo salto definitivo no capitalismo cognitivo (quer dizer, a partir de investimento finalmente sério, de 10% do PIB, em pesquisa e ensino, com a transformação da Europa em Estado federal dotado do poder de mando econômico que, até agora, foi dos EUA). Qual, portanto, a razão pela qual Ben Bernanke, presidente do FED, está tão realmente preocupado, a ponto de dizer, dia 20/08/08, que "a situação é uma das mais complexas de todos os tempos"? Por que não se pode repetir o que funcionou durante os últimos 20 anos?

Em painel organizado pelo jornal Le Monde, dia 28/08/08, alguns economistas franceses (Christian de Boissieu, Jean-Hervé Lorenzi e Olivier Pastré) lembraram que a crise ainda não está superada; e que permanece viva nos livros-caixa dos bancos e de estabelecimentos financeiros uma quantidade imensa de dívidas chamadas "créditos duvidosos" (quer dizer: dívidas que jamais serão pagas).

O "purge" não está completo, porque a impossibilidade de 'purgar' financeiramente o sistema americano (o qual, contudo, soube reagir muito rapidamente a alguns escândalos imensos, como o "caso Enron", modificando o regime de *stock-options* e os princípios contábeis das empresas) corresponde, de fato, à impossibilidade de purgar politicamente a democracia, da opulência norte-americana. O padrão de vida dos lares nos EUA é rígido e não pode cair abaixo de um nível fixo!!! Essa rigidez é muito mais difícil de enfrentar que a rigidez dos salários.

A deriva norte-americana: a segunda morte de Milton Friedman

A primeira potência do mundo (...) apressa-se a tentar um New Deal rampante⁷ (nacionalização mascarada de empresas de refinanciamento de créditos hipotecários, socorros gigantescos à indústria automobilística, fusões, créditos federais para coletividades locais para evitar migrações em massa e refinanciamento para reforma e construção de projetos habitacionais sociais). Não falta, sequer, um sistema de cobertura médica universal (no programa de Hillary Clinton, endossado por Obama) e a retomada, pelo Estado, dos sistemas de aposentadoria (até agora administrados por empresas privadas e à beira da falência), para dar substância a essa deriva decisiva. Os EUA, depois de terem ditado ao mundo inteiro os critérios do consenso neoliberal, estão em vias de se europeizar. Milton Friedman está morto, dessa vez para melhor. Durante esse tempo a Europa, emparedada num confederalismo impotente e sem futuro, resiste em parir um verdadeiro déficit orçamentário europeu, que entretanto é inevitável, se se quer evitar uma recessão muito severa. Tampouco aprova um novo estatuto para o Banco Central Europeu que dê ao euro um papel mais dinâmico de moeda internacional de reserva – o que permitiria emprestar e financiar o avanço das universidades européias, da pesquisa de novas tecnologias, hoje em situação de subdesenvolvimento quase terceiro-mundista.

Mas... do que a Europa reclama?, perguntarão vocês. Estamos saindo da era fanática dos

⁷ Nesse momento, a idéia de escrever alguma espécie de New Deal mobiliza a convenção dos Democratas (ver <http://www.nextnewdeal.org/plan/>). Ver também, de Paul Krugman, *L'Amérique que nous voulons*, Paris, Flammarion, 2008.

"Chicago Boys" (basta ver a situação na América Latina, que, praticamente toda, com variantes, está voltando às receitas da economia mista). O capitalismo vai se moralizar um pouco. Madame Parisot⁸ suspendeu os saltos de pára-quedas (sem dúvida, para fugir da associação semântica pouco lisonjeira com os pára-quedas dourados) e está fazendo uma faxina na UIMM⁹, cuja corrupção, diga-se de passagem, foi importante para comprar a paz social.

Mas há um buraco no cenário hollywoodiano de "Paraíso no reino da globalização, O Retorno". Falta lá, cruelmente, um ingrediente sem o qual as técnicas financeiras e monetárias, por mais inteligentes que sejam, fracassam miseravelmente: a confiança. O dólar ainda é a moeda de reserva e os EUA ainda têm condições para exportar sua luta de classes interna (ontem, a potência da classe operária; hoje, as vantagens de natureza imobiliária concedidas à classe média e à *creative class*), convertendo seu déficit orçamentário e seu endividamento em dólar-moeda e em bônus do Tesouro Federal. Mas, sem dúvida, são os últimos estertores da potência unipolar nascida sob a presidência de Bush-pai, depois da queda do socialismo real. Os países europeus e o Japão, que continuam a pagar duramente pela dependência exterior, eles, duvidam cada vez mais firmemente da capacidade dos EUA para enfrentar seus assalariados, para impor a austeridade em um contexto de desemprego crescente e poder de compra cada vez menor.

O desacordo entre Jean-Claude Trichet, presidente do Banco da Inglaterra, e o presidente do Banco do Japão, de um lado; e Ben Bernanke (os dois primeiros dando prioridade à luta contra a inflação, contra aumentos de salário e favoráveis à estabilidade do câmbio; e Bernanke disposto a jogá-los ao mar, se esse for o preço a pagar para impedir que o dirigível mundial do crescimento spatife-se no chão) é manifestação de diferentes estratégias.

Mas isso é balé a três. Há, sim, um terceiro bailarino nessa dança: os países do Sul que enriqueceram (China, Índia, países árabes produtores de petróleo) e seus fundos soberanos, que querem o crescimento a qualquer custo como os EUA (diferente de outros países desenvolvidos), mas que estão muito preocupados (i) com uma deriva protecionista norte-americana (endossada pelo Congresso, que proibiu a venda de portos a investidores estrangeiros) e (ii) com uma excessiva desvalorização do dólar. Sim, é verdade que estão segurando o Tio Sam pelo cavanhaque. Se não comprarem títulos do Tesouro Nacional dos EUA, podem provocar crise ainda mais grave do dólar e, por contra-golpe, de todo o sistema financeiro mundial. Mas, com isso, arriscam-se a desvalorizar seu próprio patrimônio e, ainda pior, arriscam-se a naufragar na estagnação acompanhada de fortes pressões inflacionais. Entende-se seu crescente mau humor. Enquanto a China não trocar o crescimento puxado pelas exportações, por demanda interna puxada por salários decentes e nível menos baixo de proteção social, ela continuará atada à nave norte-americana, para o bem ou para o mal. Também aí, a dificuldade é política.

Como Boissieu, Lorenzi e Pastré analisaram lucidamente, pelo menos nesse ponto, a crise financeira até aqui domada delineia uma paisagem muito profundamente modificada para os direitos de propriedade em escala mundial. O endividamento norte-americano (110% do PIB, contra 47% na direção oposta) em face do resto do mundo¹⁰ manifesta-se pela entrada dos fundos

8 Mme. Laurence Parisot, empresária, herdeira de tradicional indústria de móveis, uma das maiores fortunas da França. É proprietária de um Instituto de Pesquisas de opinião pública. Há anos já é personagem de inúmeras 'guerras' pelo controle das principais organizações sindicais patronais na França. É colecionadora de arte surrealista. Ver, por exemplo, http://fr.wikipedia.org/wiki/Laurence_Parisot.

9 UIMM, *Union des Industries et Métiers de la Métallurgie*, uma das mais antigas confederações sindicais patronais da França.

10 "Os ativos (ações, obrigações, créditos etc.) contra os EUA, em poder do resto do mundo, que já equivalem a 110% do PIB dos EUA, correspondem a mais do que o dobro dos ativos de mesma natureza em poder de agentes norte-americanos, contra Estados ou empresas do resto do mundo (47% do PIB)." Cfe Gérard Duménil e Dominique Lévy, em *"Une trajectoire financière insoutenable"* [Uma trajetória financeira insustentável], Le Monde

soberanos chineses e indianos nos sacrossantos espaços das finanças em Nova Iorque. Quando a França descobriu que a Arcelor e toda sua tecnologia estavam a ponto de cair nas mãos do grupo Mittal, houve susto. Pode-se imaginar o que acontecerá com a aristocracia financeira de Nova Iorque, ao descobrir sauditas, kuwaitianos ou chineses falando grosso nos conselhos de administração da alta finança norte-americana.

São peripécias dignas do Segundo Império, na França de Napoleão III com seus *krachs* financeiros, sua desenfreada especulação imobiliária. O importante é o impasse ante o qual está a globalização financeira (bem mais que apenas os EUA). Ao contrário do que muito se repete, não estão em liquidação apenas o consumo dos lares norte-americanos e o alto endividamento imobiliário; está em liquidação, sobretudo, a falta de compromisso político com as novas classes produtoras.

Keynes pregou a liquidação do padrão-ouro, esse entulho dos Bourbons. Hoje, trata-se de liquidar outro entulho dos Bourbons. A financeirização permitiu ao capitalismo contornar a rigidez operária fordista. Isso só foi possível porque se mantiveram vivos, sob forma tangível, o sonho da propriedade para grande número de pessoas e os juros das aplicações financeiras. Muita gente foi chamada ao reino da renda e muitos foram escolhidos, o que conteve o ímpeto de 1/4 da população pobre.

A menos que se invente um novo New Deal, que refunde os antigos direitos sociais do Estado-providência – corroídos por 30 anos de neoliberalismo, e que os assegure também na China –, ao mesmo tempo em que se criem os novos direitos dos novos trabalhadores precários do capitalismo cognitivo da *creative class*, em plena via de proletarização, não se vê meio pelo qual um programa de eutanásia da renda evitará a explosão política.

A porta é estreita e Alan Greenspan, dia 14/3/2008, descrevia a atual crise como "a mais grave, desde a II Guerra Mundial"¹¹. A crise não é técnica (reconheçamos que as finanças evoluíram muito, tecnicamente). A crise é política. É perda de tempo consultar as Tábuas da Lei neoliberais: elas acabam de ser quebradas. Cabe aos políticos deduzir todo o corolário do que aí está.

Artigo recebido em 18/06/2009 e aprovado em 30/07/2009.

Referências

CHAVAGNEUX, Christian. *Les Dernières Heures du libéralisme: mort d'une idéologie*. Paris: Perrin, 2007.

KEYNES, John Maynard. *A Treatise on Money*. Hants/U.K: Macmillan & Co., 1930.

KRUGMAN, Paul. *L'Amérique que nous voulons*. Paris, Flammarion, 2008.

Diplomatique, agosto de 2008, p. 10.

¹¹ *Les Échos*, 01/03/2008.